

## A FICCIONALIZAÇÃO DE *WALL STREET*

EM SOUSÂNDRADE E EDMUND CLARENCE STEDMAN

Alessandra da Silva Carneiro (FFLCH/ USP)

**RESUMO:** Este trabalho discutirá o canto décimo do poema épico *O Guesa*, do poeta brasileiro Sousândrade (1832-1902). Os pesquisadores da obra de Sousândrade apontam que o canto décimo critica o capitalismo do período da expansão econômica americana da década de 1870. Contudo, nosso objetivo é mostrar como essa suposta crítica ao capitalismo no referido canto é relativa. No poema sousandradino, a exaltação do capital nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX parece afinar-se com o *éthos* protestante do trabalho e acúmulo material do qual nos fala Max Weber (2004), pois para o poeta brasileiro o dinheiro fruto do trabalho árduo é bem vindo, ao contrário dos ganhos oriundos de atividade que não figurassem como símbolo do labor dedicado a Deus, como jogos e apostas financeiras. Por isso os *robber barons*, que construíam suas fortunas em transações na bolsa de valores, são no poema associados ao mal e ao inferno. Assim, é possível aproximar Sousândrade de autores americanos do mesmo período que escreveram sobre a NYSE conduzidos pela concepção puritana de pecado, que condenava o enriquecimento por meio de especulações e fraudes na bolsa de valores (Westbrook, 1980), como foi o caso de Edmund C. Stedman (1833-1908) no poema *Israel Freyer's Bid for Gold*.

**Palavras-chave:** Sousândrade; *O Guesa*, Poesia; Século XIX; Edmund Clarence Stedman; Estados Unidos

### **Introdução**

Obra máxima do maranhense Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), o poema *O Guesa* é composto por treze cantos que se desenvolvem em diferentes localidades e temporalidades. O canto décimo é o único inteiramente situado nos Estados Unidos e foi escrito enquanto Sousândrade residia em Nova York; o mesmo traz no cabeçalho as datas “1873-188...”, que indicam o período que os temas abordados se relacionam. A primeira versão do canto décimo foi publicada na referida cidade estadunidense em 1877 e foi lapidada e expandida pelo autor na versão londrina

da obra (ainda *working in progress*) de c.1886. Para os irmãos Campos, Sousândrade, no canto décimo d'*O Guesa*, especificamente na passagem batizada por eles de *Inferno de Wall Street*, expôs “premonitoriamente as contradições do capitalismo” (CAMPOS; CAMPOS, 1982, p. 109.), pois ao mesmo tempo que a república americana destacava-se como uma democracia moderna, desenvolvida e próspera no continente esta também era palco de casos de corrupção política e financeira e, por isso, promotora da desigualdade social.

Todavia, acreditamos que a crítica ao capitalismo moderno nos Estados Unidos não é a tônica do poema e muito menos uma caracterização premonitória das suas contradições. Sousândrade critica no canto décimo d'*O Guesa* práticas econômicas específicas da sociedade estadunidense que contradiziam *a ética protestante e o espírito do capitalismo*. Ademais, o poeta brasileiro não foi o único a versar sobre este tema, conforme nos explica Wayne Westbrook em *Wall Street in the American Novel* (1980), pois escritores estadunidenses do mesmo período, como Edmund Clarence Stedman (1833-1908), expressaram na literatura visão semelhante a de Sousândrade.

### **O Canto Décimo d'*O Guesa***

De acordo com Wayne Westbrook (1980), muitos autores estadunidenses que escreveram sobre a bolsa de valores de Nova York no século XIX foram conduzidos pela concepção puritana de pecado que condenava o enriquecimento por meio de jogos e especulação, pois isso seria uma forma de corrupção e devassidão. Desse modo, o imaginário em torno de *Wall Street* envolve frequentemente forças malignas, pecado e condenação (ao inferno).

Em *O Guesa* a associação entre *Wall Street* e o inferno é reforçada pela referência às célebres descidas ao plano inferior de Orfeu, na mitologia grega, de Dante, na *Divina Comédia* e de Eneias, na *Eneida*. A referência à *Divina Comédia* também lembra a obra de James Medbery *Men and Mysteries of Wall Street* (1870), ao descrever

o funcionamento do *Long Room* da bolsa de valores, seu alvoroço, calor e figuras lúgubres:

Dante, gazing down into this human craze, would have added another book to *il Inferno*. (MEDBERY, 1870, p. 41)

Essa recorrência de ideias em torno de *Wall Street* situa-se em um momento da história dos Estados Unidos no qual a ética puritana passava por um processo de secularização impulsionado pela rápida transformação do país nos anos posteriores ao fim da Guerra Civil. Assim, ao passo que os Estados Unidos iam se transformando em uma sociedade mercantil e competitiva, não só o puritanismo tornava-se obsoleto, mas também o protestantismo e sua devoção ao trabalho perdia seu caráter sagrado. Segundo Westbrook:

Hard work and individual initiative were supposed to have been the means to material prosperity. The system of monopolistic enterprise, however, spawned and nurtured on Wall Street in the late nineteenth century, violated traditional Puritan-Protestant beliefs. Wealth and power became concentrated in the hands of a small minority, while the vast numbers of the public spent their lives in serfdom, subjected to the money lords and barons. The evil inherently associated with excessive money and commerce in the seventeenth-century Puritan mind revived and became symbolized by the modern financial marketplace. (WESTBROOK, 1980, p. 8-9)

A prosperidade material deveria ser consequência do esforço individual e dedicação ao trabalho duro. Assim, o demônio transfigurado no homem de negócio de *Wall Street*, que enriquecia em transações ilícitas era o responsável pelo desequilíbrio da ordem divina e por isso desencadeador das mazelas sociais. Esse tipo de homem de negócios foi associado aos *robber barons* ou barões ladrões, como ficaram conhecidos os grandes capitalistas sem escrúpulos da época.

No Canto décimo, quando a personagem *Guesa* emerge “do inferno de Wall Street/ Ao lar, à escola, ao templo, à liberdade” (SOUSÂNDRADE, c.1886, p. 264) notamos a ocorrência do elogio ao ouro enquanto metonímia de dinheiro/capital. Tendo em vista que a metonímia é “a figura de linguagem por meio da qual se coloca uma

palavra em lugar de outra cujo significado dá a entender” (PINTO, s/d, *online*), o processo metonímico em questão se daria pela relação entre a matéria e seu objeto, conforme as categorias das relações objetivas dessa figura de linguagem. O emprego do vocábulo ouro por dinheiro, no poema, também se confirma se considerarmos a questão referente a substituição do padrão ouro ( *gold standard*) por dinheiro em papel (*greenback*), nos Estados Unidos na década de 1870, embora a mesma não seja problematizada. Consideremos as seguintes estrofes:

Oiro ! oiro ! — Ninguem condemne o amigo  
Unico seu na sociedade hodierna,  
Que dá-lhe o pão, o amor, o leito, o abrigo  
E o templo onde se adora a Voz eterna !

Respeitai o vosso oiro, o grande arcano  
Que é elle, o mais profundo e precioso  
Sangue do coração sagrado e humano  
Da terra, vossa mãe ! o generoso

Mediador da luz e dos progressos,  
Juiz supremo dos homens : vêde-os, nobres  
D’elle ás auras e tumidos possessos,  
Ou vis nojentos quando d’elle pobres ;

Vêde a virtude, vêde a honestidade  
Que por elle trabalha, como fica  
Poderosa e sublime de verdade !  
A alma é grande, e mais elle a magnífica ;

A alma é torpe, e mais torpe elle a revela ;  
Por elle prostitue-se . . . a prostituta ;  
Afina-se por elle e mais, mais bella,  
A bella e formossissima impolluta.

Qual ‘ o melhor engaste do diamante, ’  
O symbolo social, elle a alegria  
Vê-se crear ; voltar o amado ao amante  
E o foragido á patria, que o perdia.

(...)

Sem elle, volta o mundo á barbaria ;  
Corrente em que se volve a humana vaga,  
Das nações equilibrio — se diria  
Que a Providencia o enviou, lume que afaga

Dos olhos do homem a visão ; ao ouvido  
Som de clarim, que o estimula e brada  
‘ Á civilização ! ’ a treva ao olvido  
Quando ao oiro, da luz abriu-se a estrada !

(SOUSÂNDRADE, c. 1886, p. 261 -262,)

A defesa do poder do capital no desenvolvimento da sociedade moderna é latente nos versos acima . De acordo com os termos empregados, sem o poder transformador do dinheiro não há “civilização”, não há a “luz” do conhecimento e nem “estrada” para o progresso, – é importante ter em perspectiva que a época da composição do canto décimo foi marcada pela expansão e melhorias das estradas de ferro, nos Estados Unidos. Em suma, sem o dinheiro esses empreendimentos não teriam sido possíveis e o mundo voltaria ao que considera-se “barbárie”. O dinheiro é elevado a categoria de único amigo na sociedade atual, pois ofereceria os meios de sustento a quem por ele trabalhasse. É nesse ponto que a visão sousandradina do dinheiro parece ligar-se ao *éthos* do trabalho no protestantismo ascético. No canto décimo, é pelo trabalho que a virtude e a honestidade são exercitadas, por isso a alma já grandiosa é enaltecida pelo labor. Do mesmo modo, o “forte” e o “justo” são recompensados. Por outro lado, “a alma é torpe, e mais torpe ele a revela”, o que significa que receber compensação financeira desrespeitando os princípios éticos divinos do trabalho é afundar-se em seus próprios erros, como a prostituta de alma cada vez mais infame ou o indivíduo vicioso destruído pelo o próprio vício.

Max Weber (2004) no ensaio seminal sobre *A ética Protestante e o “espírito” do capitalismo* discute como que uma nova atitude em relação ao trabalho, visto como “vocação” (*Beruf*) contribuiu para o desenvolvimento do Capitalismo moderno. Para Weber, o trabalho é:

(...) o cumprimento dos deveres intramundanos como a única via de agradar a Deus em todas as situações, que esta e somente esta é a vontade de Deus, e por isso toda profissão lícita simplesmente vale muito e vale igualmente perante Deus" (WEBER, 2004, p. 73).



Portanto, o dinheiro só é digno se proveniente do trabalho enquanto **vocação**, fundamentada no cumprimento do “dever para com Deus numa vida cotidiana regida pela moral”(GIDDENS, 1984, p.185). Essa é uma característica marcante do Protestantismo ascético que passa a atribuir às atividades mundanas um significado ritualístico de adoração divina, ao contrário do catolicismo e suas práticas extramundanas de adoração em busca da salvação. Para o protestantismo a salvação eterna da alma independe das ações do indivíduo, daí o **desencantamento do mundo** ou “desmagificação” da vida (PIERUCCI, 2013), pois aqueles que serão salvos da danação eterna já foram predestinados. Se o que define a salvação eterna da alma é a **predestinação**, a dedicação ao trabalho e decorrente acúmulo de capital apenas designam quem são os escolhidos. Do contrário, aqueles que não trabalham e não acumulam riqueza são condenados, considerados inferiores, “vis nojentos”. Do mesmo modo, n’*O Inferno de Wall Street*, encontramos críticas às grandes fortunas estabelecidas durante o *Gilded Age* que, por basearem-se em formas escusas de acúmulo de riquezas, que não obedeciam ao “cumprimento ascético do dever designado pela vocação” (GIDDENS, 1984, p. 219).

Portanto, acreditamos que as críticas em relação ao sistema econômico são pontuais no poema. No canto décimo não há a contestação à livre iniciativa capitalista e nem aos corolários do progresso, como continuamente tem sido repetido a seu respeito. O acúmulo de capital não é retratado como problema *per se*, mas sim a tônica do enriquecimento sem escrúpulos centrada menos no labor que no lucro.

### **Israel Freyer's bid for gold**

Do rol de romancistas citados em *Wall Street in the American Novel* emerge o poeta Edmund Clarence Stedman (1833-1908), mais conhecido pelas seus trabalhos críticos, dentre eles obras que ainda hoje são referência, como *Victorian Poets* (1875) e *Poets of America* (1885). Stedman também atuou como editor e jornalista, além de ter sido membro da bolsa de valores de Nova York, o que lhe gerou a alcunha de *broker-poet*. A familiaridade com a vida econômica de sua época rendeu-lhe alguns poemas,

algumas vezes satíricos, sobre o tema, como no caso de *The Diamond Wedding* (1859), *Pan in Wall Street* (1867) e *Israel Freyer's Bid for Gold* (1869), sobre o qual nos centraremos neste trabalho.

*Israel Freyer's Bid for Gold* chama atenção tanto por ter Wall Street como cenário e tema, quanto pela associação entre os especuladores com o mal, detalhe que também nos remete ao *Inferno* de Sousândrade. O poema contém o total 125 versos e pode ser dividido em duas partes. Na primeira narra-se a especulação no mercado do ouro por Israel Freyer, ou Albert Speyers, *broker* a serviço de Fisk e Gould responsável por puxar a alta do preço do ouro. Ao passo que a segunda faz uma reflexão crítica sobre o espaço que a sociedade americana concedia aos *self-made men*, que não escapavam de serem indivíduos torpes que poderiam arruiná-la em prol de interesses próprios. Esses, chamados de *Railway King*, são os próprios *robber baron* que com o lucro oriundo de negócios escusos envolvendo ferrovias entravam para o mundo da especulação na bolsa. Vale mencionar que pouco antes do Black Friday, Jay Gould e James Fisk haviam tomado a frente dos negócios da *Erie Railroad*, de Cornelius Vanderbilt (DOBSON, 2007). O poema inicia-se com a imagem de toda a riqueza dos Estados Unidos contida em um anel que repousa em uma única mão de gigante:

ZOUNDS! how the price went flashing through  
Wall Street, William, Broad Street, New!  
All the specie in all the land  
Held in one Ring by a giant hand --  
For millions more it was ready to pay,  
And throttle the Street on hangman's-day.  
Up from the Gold Pit's nether hell,  
While the innocent fountain rose and fell,  
Loud and higher the bidding rose,  
And the bulls, triumphant, faced their foes.  
It seemed as if Satan himself were in it:  
Lifting it -- one per cent a minute --  
Through the bellowing broker, there amid,  
Who made the terrible, final bid!  
High over all, and ever higher,  
Was heard the voice of Israel Freyer, --

(STEDMAN, 1908, p. 93)

O ouro contido no anel (ring) é uma referência aos especuladores que tentavam dominar o mercado do ouro (estratégia também conhecida como *corner*), haja vista que o substantivo “ring” em inglês, além de anel, também refere-se a um grupo de pessoas envolvidas em atividade ilegal. Assim, a primeira estrofe do poema introduz a estratégia de Freyer em dominar o mercado do ouro em *Wall Street*. O ouro, expressão de usura, é também associado diretamente ao inferno, localizado ao fundo de uma mina aurífera (“Up from the Gold Pit's nether hell”). Ainda nesta estrofe, o *bull* que provoca a alta dos preços é descrito como a própria transfiguração do demônio.

Ao passo que o valor do ouro aumenta, em consonância com as exaltadas ofertas do *bull* Israel Freyer, o pânico entre os *bears* também cresce frente ao temor pelos estragos em nível nacional que aquela operação poderia causar:

That ominous voice, would it never tire?  
"Five millions more! -- for any part  
(If it breaks your firm, if it cracks your heart),  
I'll give One Hundred and Sixty!"

One Hundred and Sixty! Can't be true!  
What will the bears-at-forty do?  
How will the merchants pay their dues?  
How will the country stand the news?  
What'll the banks -- but listen! hold!

(STEDMAN, 1908, p. 94)

Mas logo vêm a notícia do blefe. O valor do ouro, com a mesma velocidade que vinha subindo, despenca:

(...)

Down, down, down, the premium fell,  
Faster than this rude rhyme can tell!  
Thirty per cent the index slid,  
Yet Freyer still kept making his bid, --  
"One Hundred and Sixty for any part!"  
-- The sudden ruin had crazed his heart,  
Shattered his senses, cracked his brain,  
And left him crying again and again (...)  
(STEDMAN, 1908, p. 94-95)



Na estrofe supracitada, depois da sua tentativa frustrada de golpe, a personagem Freyer está arruinada e é tomada pela insanidade. Além da associação de Freyer com o demônio, outro detalhe interessante no poema é que os especuladores de má fé, como ele, são contrastados com os pobres honestos e religiosos. Para esses especuladores não haveria fé que pudesse salvá-los da condenação divina, nem mesmo atos de suposta generosidade para compensar-lhes toda a ganância, tais como a fundação de colégios ou de igrejas, surtiriam efeito.

But tell me what prayer or fast can save  
Some hoary candidate for the grave,  
The market's wrinkled Giant Despair,  
Muttering, brooding, scheming there, --  
Founding a college or building a church  
Lest Heaven should leave him in the lurch!

(STEDMAN, 1908, p. 96)

Diferentemente, no canto décimo d'*O Guesa* os milionários que investiram na fundação de instituição de ensino, como Vassar e Cooper, são curiosamente os únicos que aparecem ilesos da condenação do inferno sousandradino, como podemos conferir na estrofe abaixo, quando o *Guesa* emerge do *Inferno de Wall Street*:

E voltava, do inferno de Wall-Street,  
Ao lar, á eschola, ao templo, á liberdade;  
De Vássar ou de Cooper ao convite  
Voltava-se p'ra os céus. — Que linda tarde !

(SOUSÂNDRADE, c. 1886, p. 264)

“Os céus” para onde o *Guesa* retorna é o seu (novo) éden erigido pela família (“lar), pela Educação (“a escola”), pela religião (“ao templo”) e a pela república (“a liberdade”), conforme aparecem no segundo verso da estrofe acima. O “convite” de Cooper e Vássar destacam o papel da educação nesse contexto. Matthew Vassar fundou em 1861 a *Vassar Female College*, dedicado a educação feminina sem restrição de etnia ou credo, ao passo que Peter Cooper fundou em 1859 a *Cooper Union for the*

*Advancement of Science and Art*, instituição voltada para educação de ambos os sexos também sem restrições de etnia ou credo (UNGER, 2007).

Para Robert J. Scholnickn Stedman criticou demasiadamente no poema a figura secundária de Albert Speyers, ou Israel Freyer, quando poderia ter centrado mais na figura de Fisk, segundo ele, o real “vilão” do Black Friday, desvelada apenas na segunda parte do poema sobre os Railway Kings. Scholnickn também menciona que:

Stedman identifies the reciprocal relationship of an American public that worships success at any cost and the explicit abuses of a "clow" like Fisk. If his social vision had been larger, he may well have been able to develop the art of exposing such abuses and cultural patterns; certainly there was ample material close at hand. (SCHOLNICKN, 1988, p.121)

Conforme o trecho supracitado, esse amplo material social da época em torno do culto à construção de riquezas sem escrúpulo pouco explorado por Stedman em *Israel Freyer* encontra-se magistralmente desenvolvido no canto décimo d'*O Guesa* pelas referências, muitas vezes herméticas, ao turbilhão de acontecimentos na vida social e econômica estadunidense, trabalhadas em uma estrutura poética nada convencional. Ao contrário de Sousândrade, Stedman chamou atenção com sua sátira ao culto da riqueza sem inovar na estética, mas pode ser comparado ao poeta brasileiro pela presença de elementos jornalísticos em sua poesia, como transformar em matéria literária notícias da ordem do dia. Outro traço que diferencia ambos os escritores é o tempo de maturação dos seus poemas, que no caso de Sousândrade eram sempre *working in progress*, constantemente retrabalhados para cada nova edição, ao contrário de Stedman que compunha e publicava no ritmo acelerado das notícias de jornal, a exemplo de *Israel Freyer's bid for gold*, publicado no periódico *Tribune* apenas quatro dias após a manobra especulativa de Fisk e Gould em *Wall Street*.

Portanto, os temas e críticas à Nova York do século XIX presentes na poesia de Sousândrade podem ser encontradas em outros escritores-observadores daquele contexto, Essas críticas geralmente direcionadas a especulação financeira na bolsa de valores e a supervalorização do dinheiro em detrimento de preceitos ético-morais

daquela sociedade ajustam-se a uma visão de época condicionada pela percepção Puritana/Protestante, conforme Westbrook (1980), da condenação do lucro por meios escusos.

## Conclusão

Desde a publicação do estudo *Revisão de Sousândrade*, de 1964, um dos grandes desafios da crítica interessada no poeta é situá-lo no panorama da literatura brasileira, tarefa complexa e por vezes arbitrária, tendo em consideração que o poeta se descola de muitas das tendências da sua geração pois, ao longo dos seus setenta anos de vida e quase trinta de escritura *d'O Guesa*, Sousândrade agregou à sua poesia diversos estilos e temas. Em relação ao canto décimo, é importante atentar para o que Sousândrade escreve na *Memorabilia* da primeira versão do mesmo, na qual ele esclarece que : “O Auctor conservou nomes próprios tirados á maior parte de jornaes de New York e sob a impressão que produziam (SOUSÂNDRADE, 1877).

Sousândrade absorvia as notícias de jornais de Manhattan e as transformava em elementos de seus poemas, tendo sempre como critério o impacto que essas lhe causavam. Por isso acreditamos ser essencial tentar decifrar quais eram os referencias retrabalhados pelo poeta na tentativa de lançar luz à sua obra, por vezes, inadvertidamente associada ao *nonsense*. Além disso, atentar para a sua relação com escritores estadunidenses do mesmo período nos ajuda pensar o seu (não) lugar na literatura brasileira e na literatura das Américas.

## Referências

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Revisão de Sousândrade**. 2 ed. São Paulo. Editora Nova Fronteira, 1982.

DOBSON, John M. **Bulls, bears, boom, and bust**: a historical encyclopedia of American business concepts. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, Inc, 2007. p. 161

GIDDENS, Anthony. *Max Weber: o protestantismo e o capitalismo* in **Capitalismo e moderna teoria social**. Lisboa: Presença, 1984.

Medbery, James K., **Men and Mysteries of Wall Street**, Boston, Fields, Osgood & Co., 1870.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. 3ª edição São Paulo: Ed. 34. 2013 .

PINTO, Regina Silvia. **E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia**. Disponível:[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=882&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=882&Itemid=2)

SCHOLNICKN, Robert J. "Edmund Clarence Stedman" in **Dictionary of Literary Biography**, eds. John W. Rathbun and Monica M. Greco, 1988. p. 28-29

Sousândrade, Joaquim de. **O Guesa**. Londres:Cooke & Halsted, c.1886.

STEDMAN, Edmund Clarence . **The Poems of Edmund Clarence Stedman**. Boston; New York: Houghton Mifflin Company, 1908. p. 93-96. Disponível em:

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

WESTBROOK, Wayne W. **Wall Street in the American Novel**. New York; London: New York University Press, 1980.

Unger, Harlow, G. **Encyclopedia of American Education**. 3ª Ed. New York: Infobase, 2007. p. 302; 1180-81.